

Laneira, Mulher: Os espaços silenciosos da extinta Fábrica Laneira S.A.

Laneira, Mujer: Los espacios silenciosos de la extinta Fábrica Laneira S.A.

Laneira, Woman: The silent spaces of the extinct Laneira S.A. Factory

Mirella Moraes de Borba¹

Francisca Ferreira Michelin²

Resumo

“Vocês nos ouvem?”. Essa instigante e atemporal pergunta feita por Perrot, em seu livro “*As mulheres ou os silêncios da história*”, faz pensar nos silêncios ensurdecedores das vozes femininas nas memórias públicas. Silêncios esses que há décadas as mulheres vêm tentando quebrar. As memórias das mulheres operárias, pobres, e periféricas permanecem no silêncio. Os afetos e as dores que atravessam tais memórias ainda não encontram lugar para se insurgirem do silêncio que os tornam invisíveis. Contudo, suas narrativas possuem, potencialmente, os sentidos e os valores que humanizariam os lugares onde essas vidas tiveram parte significativa das suas relações. Frente a isso, o que motivou esse artigo foi pressentir no silêncio a humanidade das vozes femininas, foi, também, a vontade de escutá-las como ecos de uma condição histórica da mulher operária. E para tal, o local escolhido foi a fábrica Laneira Brasileira S.A., que funcionou na cidade de Pelotas/RS de 1949 até 2003. O ponto nodal da pesquisa foi fazer uma verificação das memórias de um grupo de ex-funcionárias da fábrica Laneira e suas subjetividades. Para tanto, é preciso explorar o universo feminino, que será representado pela fábrica, vista nas entrevistas como o lugar de centralização de muitas memórias em comum, as quais encontraram em uma única voz a possibilidade de expressar o que era ser mulher naquele ambiente bruto e hostil.

Palavras-Chave: Memória; mulher; trabalho; fábrica

Resumen

“¿Usted nos oye?”. Esta instigadora y atemporal pregunta hecha por Perrot, en su libro “*Las mujeres o los silencios de la historia*”, hace pensar en los silencios ensordecedores de las voces femeninas en las memorias públicas. Silencios los que desde hace décadas las mujeres vienen tratando de romperse. Las memorias de las mujeres obreras, pobres, y periféricas permanecen en el silencio. Los afectos y los dolores que atraviesan tales memorias aún no encuentran lugar para insurgir del silencio que los hacen invisibles. Sin embargo, sus narrativas poseen, potencialmente, los sentidos y los valores que humanizarían los lugares donde esas vidas tuvieron parte significativa de sus relaciones. Frente a eso, lo que motivó ese artículo fue presentir en el silencio a la humanidad de las voces femeninas, fue, también, la voluntad de escucharlas como ecos de una condición histórica de la mujer obrera. Y para ello, el local elegido fue la fábrica Laneira Brasileira SA, que funcionó en la ciudad de Pelotas / RS de 1949 hasta 2003. El punto nodal de la investigación fue hacer una verificación de las memorias de un grupo de ex funcionarias de la fábrica Laneira y sus subjetividades. Para ello, es necesario explorar el universo femenino, que será representado por la fábrica, visto en las entrevistas como el lugar de centralización de muchas memorias en común, las cuales encontraron en una sola voz la posibilidad de expresar lo que era ser mujer en aquel ambiente bruto y hostil.

Palabras claves: memoria; mujer; trabajar; fábrica

Abstract

¹ Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas; RS; Brasil; borbamirella@gmail.com

² Doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural; UFPEL; Pelotas; RS; Brasil; fmichelon.ufpel@gmail.com

“Can you hear us?”. This instigating and timeless question made by Perrot, in her book “Les femmes ou les silences de l’histoire” make us think about the deafening silences of female voices in public memory. Such silences that women have been trying to break for decades. The memories of working, poor and peripheral women remain in silence. The emotions and pains that go through these memories still find no place to emerge from the silence that makes them invisible. However, their narratives have meanings and values that would humanize the places where these lives have had a significant part of their relationships. In view of this, what motivated this research was to sense in the silence the humanity of female voices and also the desire to hear them as echoes of a historical condition of the working woman. And for this, the chosen place was Laneira Brasileira S.A. factory that operated in the city of Pelotas/RS from 1949 to 2003. The main point of the research was to verify the memories of a group of former employees of the Laneira factory and their subjectivities. To do that it is necessary to explore the women’s universe, which will be represented by the factory, that is seen in the interviews as the central place of many memories in common, such memories that found in a single voice the possibility of expressing what it was like to be a woman in that harsh and hostile environment.

Keywords: Memory; woman; job; factory

1. Introdução

O presente artigo pretende verificar nas narrativas de três ex-funcionárias da extinta Fábrica Laneira, como ocorriam as relações entre mulheres e máquinas. As entrevistas foram colocadas em ordem cronológica, conforme sua realização: a primeira, Dona Gladis, trabalhou na fábrica de 1984 até 1998. Começou como operária e permaneceu por cinco anos nos setores de classificação e fiação, após esse período foi promovida ao cargo de enfermeira e monitora da fábrica. A segunda foi Dona Maria que trabalhou na fábrica de 1984 até 1994, mas antes disso sempre havia trabalhado em fábricas. Exerceu suas funções nos setores de fiação. Na época já era mãe de três filhos adultos e a Laneira foi seu último emprego antes de se aposentar. Dona Isabel foi a terceira entrevistada e trabalhou de 1987 até 1997, já havia atuado em outra fábrica antes, porém ao sair da Laneira nunca mais trabalhou com carteira assinada, trabalhava na máquina que tinha como nome filatório.

A técnica utilizada para coleta de dados foi a entrevista narrativa, aplicada nas ex-funcionárias da Fábrica Laneira de maneira individual. A entrevista narrativa é considerada um método de pesquisa qualitativa, ou seja, busca-se o subjetivo, a opinião do entrevistado tendo como técnica a entrevista semi-estruturada, que tem a intenção de fazer com que o entrevistado narre uma história sobre determinado acontecimento da sua vida, nesse caso sobre as relações entre mulheres e máquinas.

Para estimular a evocação das memórias sobre a fábrica foram utilizadas as fotografias do acervo da Laneira, que estão sob a guarda da Fototeca Memórias da UFPEL. Por fim será utilizado a análise temática para analisar os dados obtidos nas entrevistas.

O artigo foi dividido em duas partes a primeira, dedicada a conceituar brevemente como as memórias femininas funcionam e como elas são narradas pelas entrevistadas. Lembrando

que as memórias femininas foram consideradas inferiores e mantidas fora da esfera das memórias públicas oficiais, por um regime memorial que não as incluía, até que com a popularização do feminismo o regime memorial acabou incluindo as memórias femininas nas memórias públicas, isso porém, não satisfaz todas as camadas do feminismo, como os casos das mulheres negras, das operárias e das pobres que não se sentiam representadas por essas memórias oficiais. Partindo desse aspecto, torna-se necessário esclarecer que não se pretende aqui utilizar o conceito de memória coletiva, mas sim, trabalhar com os conceitos de metamemória e retóricas holistas de Candau, juntamente com as questões das subjetividades das memórias femininas.

A segunda parte do artigo é destinada a contar sobre as relações entre as máquinas e as mulheres, partindo de um breve histórico da Fábrica Laneira, para que seja possível entender o local onde muitas mulheres passaram grande parte de suas vidas. Se faz necessário dizer que o máquina da extinta fábrica foi, quase que inteiramente, vendido como sucata, para pagar as indenizações dos ex-funcionários da Laneira, porém as dívidas da Laneira com os ex-funcionários não foram completamente pagas até hoje, muitos ainda esperam receber o resto das suas indenizações um dia.

As mulheres criaram laços de afetividade muito fortes com as máquinas, que eram consideradas, quase como colegas de serviço. O maquinário tem um impacto muito grande nas narrativas das ex-funcionárias, em vários momentos as lembranças que surgem são sobre o comprometimento e satisfação em trabalhar com máquinas, que exigiam saber as técnicas adequadas para usa-las. Contudo em outros momentos as máquinas representam o terror, o medo e as dores, isso porque muitos acidentes de trabalho ocorriam na fábrica e o setor de fiação, setor em que praticamente todas as ex-funcionárias entrevistadas trabalhavam, era um dos que mais tinha casos de acidentes, as máquinas da fiação puxavam o fio e junto muitas vezes iam junto, dedos e mãos.

Por fim o artigo discorre um pouco sobre como o maquinário permanece vivo nas memórias das ex-funcionárias, que seguem contando cada detalhe do funcionamento da extinta fábrica, cada processo por onde a lã passava até chegar a forma desejada. Os conceitos de Gonçalves e Dohmann foram utilizados, para que se possa entender um pouco sobre a máquina como um objeto que tem alma.

2. Memória femininas e suas narrativas

As memórias das mulheres são vistas como algo ligado estritamente à feminilidade, ao delicado, ao maternal, ao privado, esquecendo, porém, que biologicamente as memórias femininas e masculinas em nada se diferem. Seria possível, então existir uma memória essencialmente feminina? Para Perrot, a memória é marcada pelos papéis desempenhados na sociedade, ou seja, as memórias femininas e masculinas se diferenciam apenas no âmbito social e da construção dos gêneros. A memória se relaciona mais pelo modo de vida do que pela variável sexo [...] sua sexualização seria constitutiva do debate das determinações sócio históricas do masculino e do feminino” (PERROT, 1989, p. 12) As memórias femininas são então construídas socialmente a partir do que Halbwachs chama de quadros sociais da memória, que são os pontos de referências determinantes do que deve ser lembrado ou esquecido. Assim, Rago salienta:

Portanto, em se considerando os “estudos da mulher”, esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes. Como se vê, a categoria do gênero encontrou aqui um terreno absolutamente favorável para ser abrigada, já que desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças sexuais (RAGO, 1998, p.6)

Para Halbwachs os grupos sociais são os responsáveis pelas memórias dos sujeitos, pois segundo ele, as memórias são o resultado das influências de diferentes grupos sociais dos quais o sujeito pertence. Desse modo a Laneira pode ser considerada um grupo social que fez parte da vida de muitas mulheres que estabeleceram na fábrica grande parte de suas relações sociais mais cotidianas.

Não se pretende aqui trabalhar com o conceito de memória coletiva, pois seria impossível chegar a uma coletividade das memórias femininas da fábrica, especificamente no que tange às relações entre mulheres e máquinas. As memórias mesmo que cheguem a um ponto que é considerado coletivamente igual, sempre encontram suas subjetividades em seus lugares de fala. Nesse sentido os conceitos de Candau que melhor se inserem no contexto.

É preciso, primeiro, entender que dentro de um mesmo grupo social que têm memórias comuns a todos, as memórias terão um peso diferente para cada mulher, pois, segundo Candau não existe uma identidade coletiva, o indivíduo é único, para ele a memória coletiva é uma representação, que é classificada como metamemória, que por sua vez, é aquilo que o indivíduo evoca da sua própria memória.

A evocação das memórias é diferente das memórias propriamente ditas, porque, não se evoca tudo que se lembra, sendo assim, seria impossível ter uma totalidade de memórias de

um grupo. Portanto, quando se fala em reconstrução das memória femininas, está se referindo a uma retórica holista, pois não existe um única memória das mulheres.

É importante, distinguir entre competências e performance de memória. Nesse sentido, toda tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças, em um dado momento de suas vidas é reducionista, pois ela deixa na sombra aquilo que não é compartilhado. (CANDAU, 2011, p.34)

As máquinas são um dos principais elementos encontrados nas entrevistas, para as operárias é impossível falar da fábrica sem falar das máquinas, dos barulhos, dos cheiros, que ao mesmo tempo, são lembranças boas e são também lembranças dolorosas, principalmente para aquelas que tiveram algum tipo de acidente nas máquinas, mas é importante salientar que em todos os casos o que prevalece é o “otimismo memorial”. Para Candau “A memória é também arte de narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar o nosso declínio” (2011, p.73). Com o decorrer das narrativas começam a surgir informações omitidas em um primeiro momento, como por exemplo: as condições insalubres do trabalho, o mal cheiro da lã, a poeira excessiva, o barulho alto das máquinas. Essas informações aparecem quando são feitas perguntas específicas sobre isso, mas em seguida do relato “desagradável” vem junto um tipo de justificativa “mas isso fazia parte do trabalho” como forma de amenizar essa memória.

A memória evocada é constituída a partir de escolhas afetivas, que são carregadas pelas identidades das entrevistadas que as rememora, o que é dito assim como o que é omitido, são por assim dizer uma triagem das memórias, nas quais as entrevistadas irão selecionar aquelas com que mais se identificam no momento da narração, formando assim sua identidade através das suas memórias.

3. As relações entre mulher e máquinas

O maquinário é um dos pontos mais importantes nas falas das ex-funcionárias da fábrica Laneira. As máquinas são elementos fundamentais na constituição das fábricas, sem a máquinas elas não existiriam. O maquinário da fábrica Laneira, hoje só existe nas memórias e fotografias, pois quase em sua totalidade, foi vendido para uma empresa de reciclagem de metal, para pagar as indenizações dos ex-funcionários. Foram deixadas para traz apenas duas máquinas, que segundo avaliação da empresa de reciclagem de metal, o custo para operacionalizar o processo de desmontagem destes dois equipamentos não seria compensado com a venda do ferro retirado. Para as ex-funcionárias da fábrica essa lacuna deixada pela falta do maquinário é muito marcante. De acordo com entrevistas feitas é possível perceber o

valor que esse maquinário tinha dentro do prédio industrial. Na fala da Dona Gladis é possível perceber um pouco melhor esse sentimento de falta:

Eu entrei na Laneira um tempo depois que retiraram as máquinas, é muito triste, aquele vazio, passei todo o tempo lembrando o barulho das máquinas, aquilo lá nunca foi tão silencioso, deixaram lá uns restos de máquina, porque o que sobrou nem tá inteiro. Por mim a Laneira estava funcionando até hoje, cheia de máquina trabalhando, aquelas máquinas eram muito boas. (Dona Gladis, 2017)

As máquinas que se mantiveram no prédio, são duas prensas, a maior que comprimia a lã em fardos grandes e a outra menor que comprimia a lã em bobinas para exportar. Este maquinário, mantido por conveniência do negócio que estava sendo feito no momento em que a fábrica encerrava suas portas e passava para outro proprietário, é o vestígio material mais imponente dentro da planta fabril remanescente.

Para melhor compreensão das relações entre máquinas e mulheres é necessário uma breve introduções sobre a fábrica, o lugar em que elas travavam essas relações.

A Fábrica Laneira durante cinquenta e quatro anos fez parte da vida de muitas gerações que nela se sucederam e dela obtiveram tanto seu sustento quanto suas relações sociais mais cotidianas. De acordo com entrevistas feitas por Jossana Peil Coelho no TCC “Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A” e nas fotos apresentadas na dissertação de mestrado “Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima” de Chanaísa Melo, foi possível verificar que um grande número de mulheres atou nessa fábrica durante a sua existência. Segundo Cíntia Vieira Essinger no artigo “BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas” a Laneira era a única fábrica no ramo têxtil, na cidade de Pelotas, onde o número de mulheres não era superior ao de homens.

Observando os dados do Livro de Registros pode-se perceber que as mulheres eram maioria no trabalho da fábrica têxtil. Com exceção da Laneira Brasileira, em todas as outras empresas encontrou-se esta relação que já podia ser percebida em 1909. (ESSINGER, 2007)

A fábrica contava com um maior número de homens em seu quadro de funcionários, provavelmente por causa do tipo de trabalho que era requerido, que exigia muita força física e resistência, o setor das caldeiras por exemplo, só contratava homens e segundo entrevistas a presença das mulheres chegava a ser proibida. As mulheres eram distribuídas nos setores em que os serviços eram considerado mais “leves”, como o setor de fiação, classificação, escritório e refeitório. Percebe-se que desses setores o único com a presença de máquinas era o de fiação. Quando perguntado sobre a presença feminina no setor das caldeiras, ao olhar

uma fotografia, dona Gladis relatou, sobre o horror que era o trabalho e o motivo pelo qual as mulheres eram proibidas de entrar:

Não, só homem, tudo isso aí. Aí tá louco! Mulher nunca trabalhou aí. No meu tempo nunca vi nenhuma mulher trabalhar aí dentro, nunca, nunca, eu nunca vi, era só homem, era grosso, só quem aguentava. Limpar lâ sim, limpava lâ cagada, limpava lâ de tudo que era jeito, mais pra cá nunca fomos, nunca, no meu tempo nunca vi uma mulher aí, e isso aí é muito, muito estúpido sabe? Muito estúpido, isso aqui era terror, terror de serviço. Isso aqui, tudo aqui tu não tinha onde caminhar, era só isso aqui mesmo. (Dona Gladis, 2017)

Um ponto importante para a relação das mulheres com a fábrica e com o maquinário dessa fábrica é que a Laneira não contratava por safras, as funcionárias eram fixas, quando baixava a produtividade do setor em que estavam trabalhando, eram remanejadas para os setores que estivessem em funcionamento no momento, por isso muitas delas trabalharam em mais de um setor.

A rotatividade feminina de um setor para outro é algo comum em praticamente todas as fábricas, o que diferenciava a Laneira das demais fábricas de Pelotas, era justamente o tempo e o tipo de serviço que essas operárias tinham na fábrica. As entrevistadas dessa pesquisa relataram que ficaram em média trabalhando 10 anos na Laneira e cumpriam uma jornada de trabalho de 6 a 8 horas diárias, em comparação com outras fábricas como por exemplo a Fábrica Vega³, em que as operárias ficavam em média um período de três a quatro meses (período de safra) e tinham uma carga horária indefinida, que podia chegar à até dose horas por dia. Outra comparação importante é o tipo de trabalho, enquanto que na Laneira as mulheres operavam as máquinas, na Vega esse serviço era destinado aos homens.

Nas entrevistas as referências ao maquinário são muito presentes, e quase sempre existe uma mistura de adoração e medo, ora as máquinas são associadas a um sentimento de competência, eficácia e pertencimento, ora ao medo, atenção e estresse. É possível observar isso na fala de dona Isabel:

Eu trabalhava no setor de baixo, no filatório, trabalhava na parte de baixo. Naquele setor tinha que ter cuidado, muita gente perdeu a mão, os dedos, eu tinha muito cuidado, porque o fio puxava, até eu uma vez enrolei a mão, mas eu tirei rápido, eu puxei. Quando não tinha serviço lá em baixo eles mandavam a gente pro top, lá em cima, com o gerente tiranossauro, eu não gostava de trabalhar com ele, eu gostava de trabalhar ali em baixo, ali era bom, o pessoal era legal, todo mundo tinha uma união. [...] Eu gostava de trabalhar na máquina que eu trabalhava, que se chamava filatório, eu adorava trabalhar ali, era muito bom, era a minha máquina. (Dona Isabel, 2017)

Nas falas das ex-funcionárias existe sempre uma preferência ao trabalho na máquina em relação ao trabalho manual. O trabalho manual pode ser desvalorizado por ser feito, quase

³ Informação obtida por meio de entrevistas com mulheres que trabalharam na Fábrica Vega.

que exclusivamente por mulheres. Já as máquinas eram operadas por homens e mulheres e isso requeria um conhecimento prático e uma habilidade de controle das máquinas. Vale ressaltar aqui que esse trabalho, além de requerer muita atenção, exigia também um rigor físico, na fala da dona Maria isso fica bem claro:

O trabalho na Laneira comparada com as outras fábricas era muito melhor, nas outras era muita correria, aqui era mais calmo, eu não achava ruim o trabalho na Laneira, era pesado só, a gente fazia serviço de homem, o serviço que era pra ser feito por homens, o nosso serviço era muito mais pesado que o dos homens, tinha que fazer força, mexer com aquelas máquinas, quando terminava de encher o carretel tinha que trocar, era uma força que nós fazia, o serviço era bruto mesmo, aquele rolo grande, tinha que trocar toda hora e pesava mais de 20 quilos, e esses rolos ficavam alto assim, na altura da gente e nós tinha que tirar sozinhas. (Dona Maria, 2017)

Algumas entrevistadas comentaram sobre a incapacidade dos homens de trabalhar em determinados setores da fábrica, como por exemplo na fiação, que segundo elas, era um serviço que necessitava uma certa delicadeza, coisa que para elas era impossível que os homens tivessem ou pudessem adquirir. Esse tipo de relato é muito comum e aparece em diversas pesquisas que tratam sobre o trabalho fabril, a respeito disso Elisabeth Souza Lobo diz:

Enquanto as mulheres teriam capacidades físicas de trabalhar em qualquer máquina, caso tenham “vontade”, os homens são considerados incapazes de trabalhar nas máquinas menores, que não requerem força física e sim delicadeza. (LOBO, 1989, pág. 174)

É importante lembrar que as máquinas já não existem fisicamente no espaço fabril, porém nas memórias elas permanecem vivas, sendo a Laneira, hoje, um espaço fechado e bem deteriorado, a ausência das máquinas, talvez em nada influencie na sua capacidade de se fazer lembrar, na sua ressonância, pois ninguém mais habita esse espaço, e quase nenhuma das ex-funcionárias entrevistadas, com exceção de uma, sequer sabe como está hoje o espaço em que muitas máquinas já fizeram parte de seu cotidiano. Sobre ressonância José Reginaldo Santos Gonçalves diz que é a capacidade extrínseca de transmissão de memória, algo que está além do objeto e que se propaga como ondas nas memórias.

O que pretendo colocar em foco é precisamente a ambigüidade presente na categoria patrimônio, aspecto definidor de sua própria natureza, uma vez que liminarmente situada entre o passado e o presente, entre o cosmos e a sociedade, entre a cultura e os indivíduos, entre a história e a memória. Nesse sentido, algumas modalidades de patrimônio podem servir como formas de comunicação criativa entre essas dimensões, comunicação realizada existencialmente no corpo e na alma dos seus proprietários. (GONÇALVES, 2005, pág. 20)

Sobre as máquinas é importante lembrar que existem ainda duas prensas no prédio, remanescentes da extinta fábrica, essas máquinas cumprirão o papel de evocadores de

memórias, pois são as únicas sobreviventes da falência da fábrica e na sequência do sucateamento das máquinas. O prédio que hoje se encontra em total abandono, talvez, um dia venha a abrigar o que hoje é apenas um projeto: Laneira casa dos Museus, nesse projeto se prevê a existência de um memorial dedicado a memória da Fábrica Laneira, o memorial será instalado em volta de uma dessas prensas, que terá como principal função lembrar os processos fabris que ali se davam.

As máquinas da fábrica Laneira existiam com um única função, a de produzir, e durante 49 anos as máquinas funcionaram e produziram toneladas de lãs, que foram exportadas para vários países, porém ao final de 49 anos elas se tornaram obsoletas, não serviam mais ao propósito para que foram criadas e compradas, elas eram uma tecnologia ultrapassada, dessa maneira foram encaminhadas para o seu único final possível, virar sucata, foram descartadas por não possuírem um valor simbólico para aqueles a quem pertenciam.

Como representativos de um tempo, um pensamento, um status, uma técnica, os objetos do cotidiano são social e culturalmente distintos. Alguns são de uso duradouro, ou mesmo preservador por tradições, em função da importância e valor simbólico agregado, enquanto outros, de características menos permanente, são rapidamente substituídos, literalmente consumidos, caindo no esquecimento. (DOHMANN, 2013 pág. 50)

Já vimos que o trabalho nas máquinas era um trabalho bruto e que exigia força e habilidades específicas, essas habilidades são as técnicas corporais. Nas entrevistas foi possível observar que essa memória corporal sobre as máquinas ainda existe, enquanto as ex-funcionárias narravam como era o funcionamento das máquinas, elas mostravam com o corpo, onde elas colocavam as mãos, a posição que faziam para descarregar o carretel cheio de linha, até mesmo a cara de concentração para a tarefa. As máquinas existiam simplesmente para a confecção de algo, elas eram criadas para o uso, para a interação com pessoas. A respeito disso Gonçalves fala:

É possível que a categoria do patrimônio, tal como a estamos explorando, sublinhe, entre outras, essa dimensão material da vida social e cultural. E, ao lado dessa dimensão material, é preciso assinalar a dimensão fisiológica, ou mais precisamente, o uso de técnicas corporais. Objetos sempre implicam usos determinados do corpo. Afinal, pergunta Marcel Mauss: o que é um objeto se ele não é manuseado? Objetos materiais e técnicas corporais, por sua vez, não precisam ser necessariamente entendidos como simples “suportes” da vida social e cultural (como tendem a ser concebidos em boa parte da produção antropológica). Mas podem ser pensados, em sua forma e materialidade, como a própria substância dessa vida social e cultural. Muitos estudos enfatizam corretamente o fato de que os objetos fazem parte de um sistema de pensamento, de um sistema simbólico, mas deixam em segundo plano o fato de que eles existem na medida em que são usados por meio de determinadas “técnicas corporais” em situações sociais e existenciais (e não apenas em termos conceituais e abstratos. (GONÇALVES, 2005, pág. 22)

Nesse sentido as máquinas não eram apenas objetos que tinham como função fazer outros objetos, as mulheres tinham com as máquinas uma relação que perdura até os dias de hoje, no período em que elas trabalharam na fábrica as máquinas foram suas companheiras, suas confidentes, pois enquanto as máquinas funcionassem elas teriam um salário ao final do mês, enquanto as máquinas funcionassem elas teriam uma profissão, um controle sobre uma máquina e sobre sua vidas, as máquinas foram companheiras nas horas de alegria, como nos primeiros dias de serviço e de tristezas, como quando ocorriam acidentes de trabalho e na falência da fábrica. As máquinas não eram meros objetos. Sobre isso Dohmann fala:

Nosso entorno é composto por objetos concretos e abstratos, industriais, artesanais ou virtuais, todos sinalizando marcantes relações, sejam emocionalmente conectadas ou ligadas a devaneios intelectuais, permitindo a construção de teorias entre a arte e as descobertas científicas. Deve-se entender que a sua importância não reside apenas no seu poder instrumental, mas principalmente como companheiros de experiências de vida. (DOHMANN, 2013, pág.48)

4. Conclusão

As máquinas foram o astro das narrativas da ex-funcionárias, nada reinou mais do que elas nas entrevistas, sobre as máquinas nem era preciso perguntar, elas surgiam sempre, primeiro a entrevistadas começava contando sobre o seu poder sobre a máquina, mostrando assim, como era importante saber lidar com aquele “bicho” enorme e mutilador, o controle sobre o maquinário era o mais importante para elas, ao ouvir essas narrativas é possível até mesmo imaginar como essa “heroínas” domesticavam aquelas “feras”, isso é o otimismo memorial de Candau, ele prevalece em grande parte das entrevistas e mostra que as ex-funcionárias querem, na verdade, é contar uma história agradável.

Mas é claro que nem tudo são flores, quanto feitas as perguntas certas, informações omitidas em um primeiro momento surgem, como por exemplo, as mutilações que ocorriam com muita frequência, o barulho infernal, que continuava a ser escutado mesmo em casa, o cheiro de estreme que ficava impregnado nas roupas e cabelos, a poeira excessiva que faziam com que as operárias tivessem diversos problemas respiratórios. Essas e outras coisas só surgem nas narrativas quando são feitas perguntas específicas sobre, entretanto em quase todas as entrevistas, após esse tipo de relato “desagradável” aparecem comentários que justificam essas coisas ruins, como forma de amenizar o relato.

Concluindo assim, que as máquinas são ainda hoje um dos principais elementos memórias da fábrica, elas ainda preservam, mesmo na sua ausência, a capacidade de memória, que é passada de gerações para gerações por meio das narrativas. As mulheres tiveram com as

máquinas muitos tipos de relações, que perduram até hoje, mesmo que somente em suas memórias.

Referências

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011

DOHMAN, Marcus. *A experiência material: a cultura do objeto*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

GONÇALVES, José. Reginaldo. *Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios*. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006

PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 4, 1995. pp. 9-28.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 2005.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª. Ed , 1988.

RAGO, M. Trabalho Feminino e sexualidade. In: PRIORI, M. Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578 a 606.